

Velhas e novas classes de formativos e de processos de construção de palavras: o caso particular de *splintering* e de fractocomposição ¹

Graça Rio-Torto
(Universidade de Coimbra, Celga-Iltec)

ABSTRACT

The present study describes the classes of formatives and processes of word construction, such as (i) affixation and composition, the most established and stabilized, (ii) *blending*/lexical fusion and *clipping*/shortening, less represented than the previous ones, and (iii) some of the most innovative, such as those operating with *splinters*. The legitimation of these formatives, with origin in non-morphememic segments that acquire, as a result of reanalysis, morfolexical status, poses the problem of the nature of the processes in which they operate. Once the autonomy from *blending* is established, the proximity of *splintering* to affixation and composition is discussed, and the fractocomposition is proposed as the subclass in which *splinters* can be enrolled, together with other fractoformatives. In order to characterize these formatives, in this study the processes' categorization is based on the \pm bound, \pm fragmented/splintered and/or \pm clipped nature of the formatives.

KEYWORDS

Derivation; composition; blending; splinter; fractocompounding.

RESUMO

O presente estudo descreve as classes de formativos e de processos de construção de palavras, como (i) a afixação e a composição, as mais consagradas e estabilizadas, (ii) o *blending* ou fusão lexical e o *clipping*, ou encurtamento, menos representadas que as anteriores, e (iii) algumas das mais inovadoras, como as que envolvem *splinters*. A legitimação destes formativos, com origem em segmentos não-morfémicos que adquirem, fruto de reanálise, estatuto morfolexical, coloca o problema da natureza da(s) classe(s) em que estes operam. Uma vez estabelecida a autonomia do *splintering* face ao *blending*, discute-se a sua proximidade com a afixação e com a composição, e propõe-se a fractocomposição como a subclasse em que eles se podem inscrever, conjuntamente com outros fractoconstituintes. Tendo em vista uma melhor caracterização destes fractoconstituintes, os processos são aqui categorizados com base no traço \pm preso, \pm fragmentado e/ou \pm truncado dos formativos.

PALAVRAS-CHAVE

Derivação; composição; *blending*; splinter; fractocomposição.

1. Introdução

No mundo da morfologia muitos dos constituintes morfológicos parecem ter um estatuto imutável e totalmente estável; mas o estatuto morfológico e/ou sintático de alguns formativos pode alterar-se em função de diversas variáveis. A flutuação categorial dos formativos é um tópico desde sempre sinalizado, e dela também se ocupa esta reflexão.

¹ Este modesto contributo em homenagem à Professora e Amiga Ana Maria Brito situa-se numa área de trabalho que não é área de eleição na investigação da ilustre Colega. Todavia, ao longo dos muitos anos de convívio entre ambas, foi possível testemunhar o elevado grau de exigência profissional colocado em todas as missões que acolheu, o rigor que sempre colocou em tudo o que fez, a curiosidade e o espírito de abertura a tudo quanto era novo e diferente, a serenidade e a convivialidade que imprimia a todos os processos em que aceitava colaborar, mesmo para além das suas forças. Conhecendo o seu gosto pelos desafios, oxalá este texto, com uma subliminar intencionalidade pedagógica, lhe seja saboroso!

Este estudo visa sumariar as propriedades mais prototípicas dos formativos actuaentes nos diferentes processos de construção de palavras, e descrever alguns casos de alteração de estatuto de formativos genolexicais, quer operem no âmbito da afixação, quer no da composição, quer no de cruzamento, truncamento ou formação que envolve ‘splinters’/*splintering*.

2. Recategorização de formativos

Um mesmo constituinte formal pode assumir vários estatutos, tendo sido objeto de uma recategorização de sentidos diversos: mais ‘lexical’, se um afixo se assume como uma unidade lexical autónoma (N, A, por exemplo), ou mais ‘gramatical’ se um radical de um composto adquire nova configuração e se assume como mais próximo de um afixo.

2.1. Recategorização no sentido de mais lexicalidade

Os afixos são, por definição, formativos presos. Assim acontece com sufixos (-*ice*, em *malandrice*, -*ej-*, em *alvejar*, -*nte*, em *colaborante*, -*vel*, em *substituível*, entre muitos outros), com circunfixos (*a-...-ec-*, em *amanhecer*, *es- ... -e-*, em *espernear*), com prefixos (*des-*, em *desinibir*, *in-*, em *invulgar*, *re-*, em *relembrar*). Mas, dada a plasticidade da língua e a labilidade categorial de muitos dos seus signos, há formativos com outro estatuto matricial não afixal que podem adquirir propriedades afixais, do mesmo modo que há afixos que podem assumir outros estatutos.

Se os sufixos são, por definição, formativos presos, que não podem portanto funcionar como unidades morfolexicais autónomas, alguns casos há em que eles se nominalizam e adquirem estatuto de substantivos: assim acontece com -*ismo* e com -*ista*, pois «estamos numa época de muitos -ismos e de muitos -istas» como se ouve abundantemente dizer nos média. Assim acontece também com -*inho*, dado o facto de se tratar de um sufixo muito usado com valor pragmático em português.

Também podem funcionar como autónomos alguns prefixos que são objeto de reanálise e de ressignificação, que viriam a desembocar num novo sentido; tal lexicalização de afixos é visível em:

- (1) o/a *ex-* de ‘o/a antigo/a X [companheiro/a] de alguém’
- (2) *um extra* ‘algo de supletivo em relação a’ (*ganhar uns extras para equilibrar as finanças*)
- (3) *a micro* ‘microrradiografia’ (*o médico prescreveu uma micro*);
- (4) o *micro*
 - a. ‘microfone’ (*o micro não emite som*);
 - b. ‘minicomputador portátil’ (cf. «A avaliação foi feita com um micro portátil (notebook) e um micro de mesa, configuração mais comum para o uso do produto». Cf. www.linguateca.pt Corpo: Corpus Brasileiro v. 6.1)
- (5) *os prós e contras* ‘argumentos a favor de’ e ‘argumentos contrários a’
- (6) *o pré* ‘vencimento diário de um militar de graduação inferior a oficial. "**pré**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/pr%C3%A9> [consultado em 04-03-2021].

2.2. Recategorização no sentido de mais gramaticalidade

Situação de recategorização ocorre também com -*ólatra*, -*ólogo*, -*ódromo*, -*ómetro*, sobretudo no Brasil, e amplamente estudados, pelo menos desde Gonçalves 2011. Os exemplos aqui arrolados são extraídos deste artigo.

O que acontece nestes casos é uma reanálise e recategorização dos formativos, que deixam de ser radicais ao serviço da composição para se gramaticalizarem mais (ao mesmo tempo que adquirem novas significações) e adoptarem um estatuto mais próximo do de sufixos.

O formativo -*ólatra*, em *alcoólatra* (PB, PE), *cafeólatra*, *cervejólatra*, *chocólatra*, retoma e reanalisa o formativo de origem grega -*latres*, que significava ‘adorador, venerador, apreciador’, e que em -*ólatra* amplia estes semantismos para os de ‘viciado/adicto em’. Matricialmente este -*o* era uma vogal de ligação entre os dois radicais que formam um composto neoclássico (*hidrólatra*, *idiólatra*, *mariólatra*, *papólatra*) mas, fruto de uma reanálise, ao radical -*latra* passa a estar associada tal vogal de ligação, configurando um novo formativo — *ólatra* — que, dada a sua produtividade, se aproxima funcionalmente de um sufixo. O mesmo tipo de fenómeno ocorre com

-ólogo ‘apreciador especialista’ (*mulherólogo, cervejólogo*) e não apenas, como matricialmente, ‘estudioso de, agente especialista’, com *-ódromo* ‘lugar de passeio, de passeata, de desfile, de corrida’ (*boiódromo, camelódromo, canódromo, fumódromo*), com *-ómetro* ‘unidade de medida’ (*covidómetro* [também no PE], *olómetro*).

3. Arqueoconstituintes e fractoconstituintes. Fenómenos de recategorização

Vários formativos, alguns dos quais de origem neoclássica, e por isso também denominados de arqueoconstituintes, e outros denominados de fractoconstituintes, adquirem novos estatutos.

As denominações de arqueoconstituintes e fractoconstituintes têm origem, tanto quanto me é dado saber, num texto de 2001 de Danielle Corbin. Com elas a autora denomina duas classes de formativos infralexicais:

. os arqueoconstituintes são itens neoclássicos, como *foto* ‘luz’, presente em *fotófono, fotógeno, fotoscópio, fototaxia*, ou *bio-* (‘do grego *bios* ‘vida’), presente em *biologia, bioma*.

. os fractoconstituintes são itens truncados e lexicalizados, tais como *eco-* (de *ecológico*) em *ecossustentável, euro-* (de *européu*), em *eurocético, eurodeputado*.

Eis as palavras de Corbin (2001: 44): “Cette façon de décrire le sens des affixes et leur intervention dans la construction du sens des unités construites permet de les différencier des autres unités infralexicales entrant dans la construction des mots que sont ce que j’appelle les **archéoconstituants**, c’est-à-dire **les constituants empruntés au latin et au grec** (ex. *brachy-* ‘court’, *anthropo-* ‘homme’, *-cide* ‘qui tue’), et **les fractoconstituants**, c’est-à-dire **les représentants tronqués et lexicalisés comme tels d’unités française** (ex. *euro-* = *Europe*) dans *eurocorps, eurodéputé, euromissile, etc.*: archéoconstituants et fractoconstituants ont un sens de nature descriptive et non instructionnelle».

O estatuto destes arqueoconstituintes está longe de se confinar ao de afixos, como sugere Corbin, no excerto acima; muitos arqueoconstituintes são radicais que entram na chamada composição neoclássica. De igual modo, alguns dos fractoconstituintes não são exclusivos de uma língua particular, mas têm um estatuto internacional (*euro-*, *foto-*). Também não é feita menção neste trecho ao facto de um arqueoconstituente poder corresponder (i) a um formativo que mantém a mesma forma e o mesmo sentido que o seu étimo e (ii) a um formativo que tem a mesma forma que o seu étimo mas cujo sentido sofreu alterações (no sentido da especialização, da extensão, da figuralidade) na história recente das línguas. Muitos arqueoconstituintes têm, assim, um duplo funcionamento, o matricial e o dele derivado.

São exemplos de arqueoconstituintes *bio-* e *tele-*, cada um dos quais hoje em dia pode assumir valores funcionais parcialmente diferenciados dos que lhe estão geneticamente associados.

(7) *biologia, bioma* < *bio* ‘do gr. *bios* ‘vida’ e em

(8) *bioperigo, biorresíduos* < *bio* [*lógico*].

Em *biologia* e *bioma* estamos perante dois compostos morfológicos constituídos cada um por dois formativos de origem erudita: nestes casos *bio-* é um formativo neoclássico (um arqueoconstituente), com origem no grego *bios* ‘vida’.

Em *bioperigo* e *biorresíduos*, *bio-* é a forma reduzida/truncada de *biológico*, pelo que neste caso está em jogo um fractoconstituente, e por isso estamos perante um caso de fractocomposição.

Alteração funcional também ocorre no radical neoclássico *tele-* que, do sentido etimológico grego ‘à distância’, presente em *telepatia, télégrafo, telegrama*, passou a significar ‘pela televisão’ (*tele-ensino, tele-escola, telespectador, telenovela, televendas*) ou, mais recentemente, ‘por quaisquer meios de comunicação à distância’ como sejam *telepizza, tele-conferência* («Braga de Macedo esteve praticamente todo o dia em «tele-conferência» com os seus parceiros dos Doze e com os membros do comité monetário da CE [...]» (<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/par=ext402778-eco-92b-1>. Acesso em 01-03-2021), *tele-aulas* (As "tele e radio - aulas" começaram esta... - A Nação Jornal ...

Existe ainda a possibilidade de *tele-* funcionar como forma livre para fazer referência genérica “a um conjunto de empresas prestadoras de serviços de telecomunicação” e/ou a ‘quaisquer meios de comunicação à distância’, como em *sistema tele*: «Uma grande inovação foram os «cash dispenser» (dispensadores de numerário), que são ATM para os caixas, ou seja: o cliente apresenta o cheque, o caixa passa o cheque num sistema *tele* e a máquina «vomita-lhe» o dinheiro certo.» (<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>, par=ext892886-soc-93a-2. Acesso em 01-03-2021.

No caso dos fractoconstituintes *afro-* e *euro-*, os formativos podem denominar ‘africano, relativo a África’ e ‘europeu, relativo à Europa’. Quando têm valor predicativo (*afro-asiático*, *afro-americano*, *afro-europeu*, *euro-africano*, *euro-americano*, *euro-asiático*, *eurodeputado*, *euromíssil*) ambas as paráfrases são possíveis: ‘africano, relativo a África’ e ‘europeu, relativo à Europa’. Todavia, em *Euráfrica* e *Eurásia*, o composto é formado por parte do nome *Europa* e pelos nomes *África* e *Ásia*, pelo que *euro-* neste caso apenas tem valor nominal. Os fractoconstituintes são muito usados em gentílicos compostos, como em *anglo-americano*, *austro-húngaro*, *franco-germânico*, *luso-brasileiro*, *sino-tibetano*.

Em *sino-* ‘chinês’, o formativo é erudito, remontando ao latim; tendo sido disseminado sobretudo a partir do sec. XIX, acumula as propriedades de arqueoconstituinte e de fractoconstituinte.

Alguns dos fractoconstituintes ganham lexicalidade máxima, funcionando como itens lexicais autónomos, outros não.

Funcionam como itens lexicais autónomos:

- (9) *afro* ‘africano, relativo a África’ (*design muito afro*)
- (10) *bio* ‘biológico’ (*só produzimos produtos bio, do mais saudável que há; essa é uma produção totalmente bio*)²
- (11) *eco* ‘ecografia’ (*fizeram duas ecos*)
- (12) *euro* ‘moeda europeia’ (*foram doados muitos euros*)
- (13) *foto* ‘fotografia’ (*tiraram várias fotos*)
- (14) *expo* ‘exposição, evento’ (*expo-noivos, Expo98, Expo RH ‘evento de Recursos Humanos’* (www.ife.pt) > expo-rh)

Nos exemplos (9)-(14) estamos perante porções fonológicas provenientes de truncamento, processo através do qual ocorre subtração de uma parte da unidade lexical-fonte, redução da mesma, de tal sorte que essa parte (*bio* <bio[lógio]; *euro* <euro[peu]), na qual se consubstancia a nova unidade lexical, passa a valer semanticamente e lexicalmente pelo todo de que provém.

Alguns formativos com estatuto de fractoconstituintes não se usam como unidade lexical autónoma, como o atesta a agramaticalidade de *auto* <auto[móvel] ‘veículo motorizado’ em (15):

- (15) *O Paulo comprou um *auto na semana passada*

4. Génesis de alguns ‘splinters’

No conjunto dos itens morfolexicais que não funcionam originariamente como autónomos incluem-se os chamados ‘splinters’, de que é exemplo *caipi-*, em *caipifruta*, *caipiwodka*, o qual não funciona até ao presente, e tanto quanto nos é dado saber, senão como item preso.

Bauer (2004, p. 77) descreve o ‘splinter’ como uma parte de uma palavra que, fruto de reanálise(s) da estrutura da palavra original em que ocorre, é interpretada como significativa (podendo a parte significar algo parcialmente e estereotipicamente associado ao todo a que pertencia e/ou a um seu constituinte), e passa a partir de então a ser utilizada na criação de novas palavras. O caso internacional de *-holic* é paradigmático do processo: *alcohol* + *ic* passa a ser segmentado e reanalisado como *alco-holic* ou como *alc-oholic*, atribuindo a *-(o)holic* o sentido de ‘adicto, viciado em’ (cf.

1. De acordo com os requisitos da UE, o logótipo Bio caracteriza os produtos alimentares, transformados ou não, produzidos a partir de pelo menos 95% de matérias-primas oriundas de produção biológica controlada. *Bio-* ocorre em numerosas marcas de produtos/estabelecimentos: *Tonsai Mercearia Bio* (Loja de alimentos biológicos. <https://g.page/Tonsai-bio?share>), *Produtos Bio* (<https://maps.google.com/maps?oe=utf-8&client=firefox-b&um=1&ie=UTF8&fb=1&gl=pt&sa=X&q=produtos+bio&ved=2ahUKEWiRKnFoYXvAhVWQEEAHUoEAJ8QtgMwAHoECAwQAQ>).

chocoholic, shopoholic). Ou seja, um ‘splinter’ começa por ser um segmento não-morfémico que, fruto da reanálise que envolve a sua emergência, se torna num morfema. É esta característica diferenciadora que distingue o ‘splinter’ de qualquer outra classe de formativos operantes na construção de palavras.

No Brasil muitos são os exemplos de formações neológicas expressivas e lúdicas produzidas com recurso a ‘splinters’. Os exemplos que o quadro seguinte reproduz são extraídos de alguns dos estudos que se dedicam a este tipo de formação (Gonçalves 2016a; 2016b; Gonçalves; Carvalho; Andrade 2016; Gonçalves; Andrade 2016).

Quadro 1 – ‘Splinters’ atestados na Língua Portuguesa Contemporânea (PB ou PE)

Formativos neológicos que ocorrem na margem Esquerda	Formativos neológicos que ocorrem na margem Direita
caipi- [PB] ‘caipirinha’: <i>caipifruta</i> ;	-drasta [PB] ‘parente por empréstimo’: <i>paidrasto; sogradrasta</i>
fran- ‘frango’: <i>franbúrguer; franfilé</i>	-lé [PB] ‘picolé de’: <i>sucolé, wiskylé</i>
info- ‘informática; informação’: <i>info-alfabetização, info-excluído, info-peças</i> ³	-nese [PB] ‘salada de maionese com’: <i>macarronese, ovonese</i>
narco- ‘droga’: <i>narcodólar, narcoestado, narcomania, narcoturismo, narco-tráfico</i>	-tone [PB] ‘panetone de’: <i>chocotone, sorvetone</i>
	-trocínio [PB] ‘financiamento por’ (foco no agente do patrocínio): <i>avôtrocínio, CAPStrocínio, irmãotrocínio, mãetrocínio, tiotrocínio</i>

FONTE: elaboração própria

Alguns dos ‘splinters’ acima registados são internacionais: são disso exemplo *info-* ‘informática’ e *narco-*. A estes podem juntar-se *-burger*, *-gasm*, *-gate* (de *watergate*) e o já mencionado *-holic*. Já *caipi-* e *-lé* são vernaculares, estando documentados no Português brasileiro. Os casos de *-nese* e de *-tone*, dada a sua origem alógena (*maionese*, *panetone*), não poderão ser considerados de génese vernacular, mas também não são tão internacionais quanto os primeiros elencados neste parágrafo.

Tanto quanto revelam os estudos sobre a temática, um dos primeiros nomes brasileiros formados com dois ‘splinters’ terá sido o de *periguete* (cf. Carvalho; Gonçalves 2015), também já grafado como *piriguete*, mais próximo da pronúncia usual, nome que no Brasil denota, e à parte o sexismo da descrição lexicográfica, «[Brasil, Informal, Depreciativo] mulher considerada demasiado liberal, que geralmente se veste de forma provocadora» (cf. “periguete”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/periguete> [consultado em 01-02-2021]).

A ressegmentação de [[perig]_{Rad N} +[ete]_{sufixo}] nos ‘splinters’ *peri-* e *-guete* está na base de numerosos nomes e adjetivos em *peri-X* e *X-guete*, em ambos os casos com atribuição de sentido de *piriguete* a X (exemplos extraídos de CARVALHO; GONÇALVES 2015):

- (16) *piri-*: *piririamiga, pirichefe, piricriança, pirigata, pirigorda, pirigostosa, pirigringa, piripirinha, piripobre, pirisona, pririvizinha*
- (17) *-guete*: *amigaguete, irmãguete, mãeguete, piricrente* (‘evangélica trajada com roupas inapropriadas para um templo/crente religioso’), *primaguete, pobreguete, sexyguete, vovóguete* ‘vovó que se veste com roupas extravagantes’

5. ‘Splinters’ e processos genolexicais

O conceito de ‘splinter’ tem estado associado ao de ‘blending’ ou de cruzamento vocabular e também ao de ‘clipping’ ou redução/truncação vocabular.

As palavras de Štekauer 2000: 108, referindo-se aos muitos ‘blends’ formados no século XX, ilustram esta associação:

³ Fundada em 2000, a Infopeças é uma das pioneiras no comércio eletrónico e Infomático em Americana, estado de São Paulo. www.infopeças.com.br.

«They may be composed of two elements called **splinters** (*ballute* from *balloon* and *parachute*), or only one element is a splinter and the other element is a full word (*escalift* from *escalator* and *lift*, *needcessity* from *need* and *necessity*). Many blends show some degree of haplology, such as *privilegensia* from *privilege* and *intelligentsia*, or *latensification* from *latent* and *intensification*. A special punning effect is achieved when one constituent echoes in some way the word or word-fragment it replaces, for example, *foolosopher* echoing *philosopher*, or *fakesimile*, echoing *facsimile*.». Na verdade, estes formativos mencionados por Štekauer não lograram manter produtividade digna de registo, pelo que não se tornaram afixos, e também não têm o estatuto de ‘splinters’.

A bem da verdade, torna-se conveniente demarcar o território de ‘blending’ do de ‘splinter’, pois os segmentos presentes nos ‘blends’ (cf. *aborrescente*, *nim*) não se tornam habitualmente morfemas da língua, o que acontece com os ‘splinters’. Em *caipifruta*, o ‘splinter’ *caipi-* junta-se a uma base autónoma, ativando um padrão construcional em tudo idêntico ao da composição (cf. *mundifrutas*, nome de marca comercial portuguesa; *rabiteso*), e o processo em jogo não envolve cruzamento ou fusão lexical.

Andrade; Rondini 2016 distinguem duas classes de processos: (i) interposição, entranhamento ou impregnação lexical; e (ii) combinação truncada.

Na **interposição** (ou **entranhamento ou impregnação lexical**) há dois formativos que se sobrepõem «por partilharem porções fonológicas (segmentos, traços, sílabas) entre as bases e a palavra resultante, para que fique assegurada, dentro do possível, menos opacidade do produto gerado em função das bases.» (Andrade; Rondini 2016: 875). Assim acontece em (exemplos dos autores citados) *aborrescente* (*aborrecer* + *adolescente*), *burrocracia* (*burro* + *burocracia*), *patrocínio* (*pai* + *patrocínio*).

Na **combinação truncada** não há coincidência de segmentos entre as palavras-base, pelo que não ocorre partilha de material fonológico (o que o aproxima da composição), tendo antes lugar alguma perda de massa fónica:

«(a) se as formas de base são do mesmo tamanho, ocorre encurtamento em ambas: *chocotone* (*choco*[*late* + *pane*]*tone*); (b) caso contrário, a base mais extensa é recortada e a menor, sem perder massa fónica, concatena-se inteiramente à maior: *macuncrente* (*macum*[*beiro*] + *crente*) e *forrogode* (*forró* + [*pa*]*gode*). Em ambos os casos, (a) e (b), a estrutura silábica e/ou os segmentos constituintes do pé métrico da base maior são preservado(s).» (Andrade; Rondini 2016: 875).

No caso de *-drasta* [PB] ‘parente por empréstimo’ ou *-trocínio* [PB] ‘financiamento por’, houve analogia e reanálise, de tal modo que uma sequência não-morfémica de uma palavra é reinterpretada como unidade significativa, sendo portanto promovida no seu estatuto semiótico.

Mesmo tendo na sua génese motivações diferentes, para alguns autores os cruzamentos e as formações analógicas «apresentam o mesmo padrão morfológico, conforme proposta de unificação de Andrade (2008), que, à luz da Teoria da Otimalidade, na sua versão de Correspondência, demonstra, por meio de um ranking de restrições violáveis, que se trata de estruturas idênticas, totalmente regulares e gramaticalmente previsíveis.» (Andrade; Rondini 2016: 876).

É formada por cruzamento vocabular/blending ou, nas palavras dos autores, por ‘interposição’, «uma palavra morfológica resultante da fusão de duas outras pré-existentes, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados a partir das palavras que lhe serviram de fonte, como, por exemplo, *baianeiro* (*baiano* + *mineiro*), *breganejo* (*brega* + *sertanejo*), *chafé* (*chá* + *café*), *marginata* (*marginal* + *magnata*), entre tantas outras.» (Andrade; Rondini 2016: 871).

Gonçalves; Andrade (2016: 289) propõem o seguinte quadro de contínuo entre afixo e radical. Nele se distingue ‘splinter’ de afixóide, situando-se o ‘splinter’ mais próximo do constituinte neoclássico e do radical preso e o afixóide mais próximo do afixo. Para Gonçalves (2016: 95) são exemplos de afixóides (reproduzidos do Autor): *aero-* ‘avião’, *auto-* ‘automóvel’, *bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’, *foto-* ‘fotografia’, *homo-* ‘homossexual’, *moto-* ‘motocicleta’, *petro-* ‘petróleo’, *tecno-* ‘digital’, *tele-* ‘à distância’, *nauta-* ‘que navega [dever-se-á acrescentar: digitalmente]’, *-rreia* ‘infestação de’ (*piolhorreia*), *-rragia* ‘queda/descarga profunda de’ (*cabelorragia*), *-rexia* ‘falta de alimentação por’ (*frangorexia*), *teca-* ‘lugar onde se reúnem’

(*maridoteca*).

Para estes morfólogos, as propriedades em comum entre afixos e afixóides são: a recorrência, a grande combinabilidade com itens lexicais nativos, a fixidez na estrutura da palavra e o facto de poderem ser descritos por esquemas de construção idênticos aos que envolvem os afixos. Na classe dos afixóides incluem-se vários radicais neoclássicos entretanto ressemantizados, que participam num processo de recomposição. A emergência destes afixóides decorre de um processo de gramaticalização, pois há lugar a uma transição de radicais para formativos com gramaticalidade acrescida.

Figura 2 - Continuum entre afixo e radical (Gonçalves; Andrade 2016: 289)

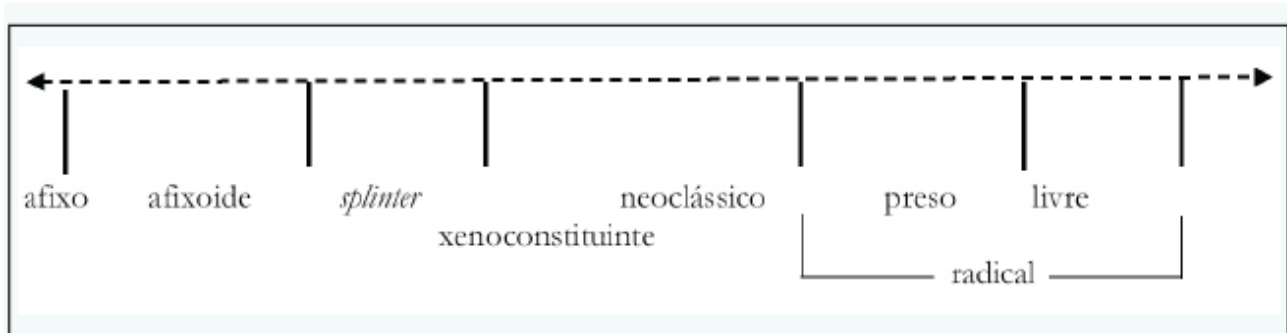


Figura 2 – O continuum *afixo-radical ampliado*

A observação deste esquema coloca duas questões: uma prende-se com a relação entre ‘splinter’ e xenoconstituíntes: *-burger*, *-gate*, *-holic*, *info-*, *narco-* são xenoconstituíntes, mas os ‘splinters’ *caipi-*, *-guete*, *-lé* e *piri-* não o são. A inclusão da dimensão de xenoconstituência no *continuum* acima traçado não me parece, pelo menos nos termos em que é formulada, espelhar a realidade da língua portuguesa. Se encarada de modo gradiente, talvez ajudasse a descrever com mais realismo a natureza endógena ou exógena dos constituíntes. Devemos ter em conta que afixos há com configuração neoclássica, importados do grego e/ou do latim (cf. *-itude*, *-ície*), a par com afixos daqueles ‘divergentes’ e com configuração vernácula (cf. *-idão*, *-ice*), pelo que, no esquema acima, na mesma linha de xenoconstituência, falta o pólo oposto desta.

A segunda questão prende-se com a inclusão do conceito de afixóide, constituínte mais próximo de um afixo, por contraste com o ‘splinter’, mais próximo do constituínte neoclássico e do radical preso. A fixidez na estrutura da palavra, a recorrência, a grande combinabilidade com itens lexicais nativos, e o facto de poderem ser descritos por esquemas de construção idênticos aos que envolvem os afixos fazem de *aero-* ‘avião’, *bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’, *petro-* ‘petróleo’, *tecno-* ‘digital’, *teca-* ‘lugar onde se reúnem’ formativos diferentes dos formativos neoclássicos que estão na sua matriz, mas não afixóides. Em meu entender, a consideração dos processos de extensão figural (metafórico, metonímico e/ou metaftonímico), e que estão na base das novas significações que entretanto emergiram, pode explicar a teia de semantismos que se foram formando a partir dos mais neoclássicos. Por exemplo, em *foto-* ‘fotografia’ e *petro-* ‘petróleo’ o formativo representa, por meronímia, o todo; em *aero-* ‘avião’, o formativo representa o estereótipo associado ao nome (*avião*) de que é uma versão reduzida; *eco-* sofreu enriquecimento de sentido, acumulando ‘ecológico e sustentável’; *tecno-* e *nauta-* restringiram o sentido de ‘tecnológico’ a ‘digital’ e o de *nauta-* ‘que navega’ a ‘que navega digitalmente’; *teca-*, de ‘acervo’, passou metonimicamente a ‘lugar onde se reúnem’.

Obedecendo a esquemas construcionais amplamente partilhados por muitos outros formativos genolexicais, não se torna necessário ancorar estes formativos numa nova classe, cujos contornos são necessariamente porosos. Não será possível continuar a considerar estes formativos como incluídos no âmbito da composição? As propriedades elencadas para tais afixóides não são idênticas às que caracterizam os radicais que operam no âmbito da composição morfológica?

Devido à porosidade dos seus contornos, a eficácia da proposta de uma nova classe como a dos afixóides revela-se escassa face ao ónus da mesma. Já assim havia sido com a das classes de sufixóides e de prefixóides, cujas fronteiras com as de sufixos e prefixos permanecem osmóticas. Recorde-se que

já Herculano de Carvalho (1974) introduz os conceitos de sufixóides e de prefixóides para cunhar os constituintes que não cabem inteiramente nas categorias de sufixos e de prefixos. Para este autor, os prefixóides (*contra-*, *inter-*, *maxi-*, *mini-*, *mono-*, *poli-*, *recém-*, *sobre-*, *super-*, entre outros) distinguem-se dos demais prefixos por possuírem, além de um grau de independência mais acentuado, «uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma.» (Herculano de Carvalho, 1974, p. 554-555). Pelas palavras expostas, para este autor os prefixóides conferem ao produto que formam uma configuração mais próxima da de um sintagma.

Em suma, não sendo unívocas as concepções disponíveis sobre afixóides, prefixóides e sufixóides, a sua eficácia apresenta-se diminuída. As várias caracterizações dos afixóides não impedem que se mantenha em aberto o problema das fronteiras entre afixos e radicais. Ademais, nada obsta também que *aero-*, *bio-*, *eco-*, *petro-*, *tecno-*, continuem a ser encarados como formativos que operam no âmbito da composição (cf. Lieber; Štekauer 2011; Rio-Torto; Ribeiro 2012, 2016).

6. Um novo quadro de classes de processos genolexicais

Os processos genolexicais do português distribuem-se de forma escalar, sendo os mais representados a derivação afixal (sufixação, prefixação) e a composição, e os menos representados o *blending* ou cruzamento, a truncação (ou *clipping*), a siglação e a acronímia (Mota, 2020; Rio-Torto, 2016; Rodrigues, 2016). Entre os dois extremos situam-se a derivação não sufixada (Rodrigues 2001), conhecida tradicionalmente por ‘derivação regressiva’, e um processo que denominamos de fractocomposição, na qual se inscreve o *splintering*.

Tendo em vista uma melhor caracterização dos fractoconstituintes, os processos são aqui observados com base nos traços \pm fragmentado e/ou \pm truncado dos formativos, intersectados com a natureza \pm presa dos mesmos.

O quadro que se segue apresenta dois grandes grupos de processos genolexicais:

- (I) os que envolvem itens presos que não resultam de truncação/*clipping*, de *blending* ou de *splintering* e
- (II) os que envolvem itens presos que resultam de truncação/*clipping*, de *blending* ou de *splintering*.

Organizar as classes de processos genolexicais com base na natureza tipicamente presa (v.g. *auto-*, em *automóvel* ‘veículo que se move por si próprio’, *bio-*, em *bioma*), autónoma (*estrada*, *montagem*) e truncada (v.g. *foto-*, em *fotomontagem* ‘montagem de fotos/fotografias’) dos formativos traz uma luz mais acurada sobre o estatuto morfolexical dos formativos e, através destes, dos processos em jogo. Para tal, tenha-se em conta a diferenciação entre os seguintes dois formativos presos *auto-*, com o mesmo recorte formal, mas com estatutos genolexicais diferenciados: (i) a forma matricialmente prefixal *auto-*, em *automóvel* ‘semantismo composicional: veículo que se move por si próprio’, e (ii) o formativo truncado *auto-*, em *autoestrada* ‘via para veículos automóveis’.

Quadro 2 - Processos atuantes na formação de palavras

Natureza dos itens	Dois itens livres	Um item livre & um item preso	Itens presos
(I) Processos genolexicais	Composição patrimonial	Composição híbrida ⁴	Composição neoclássica (2 arqueoconstituintes)
	<i>abre-latas</i> <i>lava-loiça</i>	<i>Fotodepilação</i> < foto ‘luz’ + N	<i>fotóforo</i> , <i>fotoscópio</i> , <i>fitotaxia</i> <i>biologia</i> , <i>bioma</i> <do gr. <i>bios</i> ‘vida’)

⁴ O adjetivo *híbrido* aqui usado recupera a concepção tradicional de *hibridismo*, segundo o qual uma palavra constituída por formativos pertencentes a línguas diferentes.

	Prefixação	Sufixação
	<i>autorretrato</i> (<i>auto-</i> , do gr. <i>autós</i> ‘o próprio’)	<i>teclista</i> <i>voluntarismo</i>
	<i>desinfectar</i>	

Natureza dos itens	Um item livre; um ‘splinter’ ou um item truncado, usável como		Dois itens truncados
	Autónomo	Preso	Presos
(II) Processos genolexicais	Fractocomposição		Blending ou cruzamento lexical
	<i>Fotomontagem</i> <foto[grafia]+ N	<i>Sucolé, whiskylé</i> < N + [pieo]lé	<i>Aborrescente</i> < <i>Aborr</i> [eær+ adol] <i>escente</i>
	<i>Bioperigo, biorresíduos</i> < bio[lógiæ] + N	<i>Tiotrocínio</i> < N + [pa]trocínio <i>Autoestrada</i> < auto[móvel] ‘veículo motorizado’ + N	<i>Lixeratura</i> < <i>lix</i> [e+lit] <i>eratura</i>

FONTE: elaboração própria

O único processo em que ambos os formativos são livres (*abre-latas, limpa-neves, quebra-nozes*), pois representam palavras autónomas da língua, é o da composição patrimonial. Na composição híbrida um dos formativos é autónomo e o outro não (*depilação* e *foto* ‘luz’, respetivamente, em *fotodepilação*), pertencendo a línguas diferentes. Na composição neoclássica ambos os formativos são presos (*biologia, bioma; fotófono, fotógeno, fotocópio, fototaxia*). Também no caso de ‘blending’ ambos os constituintes são presos, mas resultam de eliminação de parte da sua matriz fónica. No ‘blending’ ou cruzamento lexical há material fónico partilhado que é eliminado, por ser fruto de sobreposição no ponto de fusão (cf. *aborrescente* < *aborr* [eær+ adol] *escente* ou *aborre* [eær+ adole] *scente*). Ao contrário do que ocorre na fractocomposição, os segmentos de ‘blending’, como *aborr-*, em *aborrescente, -eratura*, em *lixeratura, -im*, em *nim*, não são reutilizados como morfemas produtivos na língua, o que sucede com os ‘splinters’.

Para demarcar a formação de palavras que envolve um item truncado, seja ‘splinter’ (*caipi-*) ou não (*bio-* ‘biológico’, *foto-* ‘fotografia’), propomos a classe da fractocomposição (processo denominado de ‘combinação truncada’ por Andrade; Rondini 2016). Nela um dos constituintes é autónomo, o outro é fruto de um processo de truncamento/*clipping* ou de fragmentação/*splintering*.

Assim, a fractocomposição envolve também itens presos e itens livres, sendo que os itens presos são objeto de truncamento/*clipping*, como se observa em *autoestrada* < *auto*[móvel] ‘veículo motorizado’ + *estrada*, ou de *splintering* (*tiotrocínio* < *tio* + [pa]trocínio). Alguns dos itens truncados operantes na fractocomposição podem funcionar como autónomos: *bio* (*bioperigo, biorresíduos* < *bio*[lógiæ]) e *foto* (*fotomontagem* < *foto*[grafia]+ N). A este processo Gonçalves (2016 a: 93-97) dá o nome de ‘recomposição’, que envolve o que denomina de afixóides como *aero-* ‘avião’, *bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’, *petro-* ‘petróleo’, *teco-* ‘digital’, *teca-* ‘lugar onde se reúnem’. Nesse seu livro, o uso de ‘splinters’ não é enquadrado em nenhuma classe específica de processos genolexicais, preenchendo uma secção consagrada a «Surgimento de novos formativos». O conceito de recomposição não figura em nenhum dos grandes manuais internacionais de referência, nomeadamente no do Lieber; Štekauer 2011, *The Oxford Handbook of Compounding*, certamente por não envolver nenhum processo formal de construção lexical; mas nele se menciona o mecanismo de reanálise semântica (‘semantic change’), que efetivamente acompanha alguns dos formativos em pauta. Em todo o caso, reputamos de tipologicamente relevante a distinção entre (i) a alteração semântica que afeta *bio-* ou *eco-* e (ii) a fragmentação através da qual se criam os formativos *caipi-*, *-drasta, fran-, -lé*, originalmente não morfémicos, e que passam a ser recrutados para a formação de compostos que integram fractoconstituintes. À medida que estes passarem a ser mais produtivos e frequentes deixam

de ter um estatuto tão singular e periférico para se tornarem radicais ou afixos de pleno direito, idênticos ao que *bio-* (produtos com origem em matérias-primas oriundas de produção biológica controlada) ou *eco-* (sustentável, não poluente) têm hoje na língua comum.

A fractocomposição (*fotomontagem* <foto[~~grafia~~]+ N) e a composição híbrida (*fotodepilação* <foto ‘luz’ + N) têm algumas semelhanças, nomeadamente quando o item truncado é não autónomo (*caipifruta* < *caipi*[~~rinha~~]; *autoestrada* < *auto*[~~móvel~~] ‘veículo motorizado’). A necessidade de diferenciar os processos prende-se com o facto de os itens presos serem, no caso da composição híbrida, não truncados (*fotodepilação* <foto ‘luz’ + N, em que *foto-* reproduz o recorte grego do seu étimo) e, no caso da fractocomposição, truncados (*caipifruta* < *caipi*[~~rinha~~]; *autoestrada* < *auto*[~~móvel~~] ‘veículo motorizado’) ou objeto de fragmentação/*splintering*. Ademais, em caso de fractocomposição o item truncado pode funcionar como autónomo (*fotomontagem* <foto[~~grafia~~]+ N, *bioperigo*, *biorresíduos* < *bio*[~~lógico~~]), o que não acontecerá na composição híbrida, na acepção com que aqui é usada.

Ao invés do que sucede com *sorvetone* (face a *panetone*), nos casos mais prototípicos de fractocomposição não tem de haver coincidência de segmentos entre as palavras-base, podendo existir apenas perda de alguma massa fónica, como em *caipifruta* < *caipi*[~~rinha~~], *sogradrasta* < *sogra* + [~~ma~~]*drasta*. Como tal, a fractocomposição inscreve-se no universo da composição, estando próxima da composição morfológica, que envolve um ou dois radicais não autónomos. Um produto como o de *chocotone* < *choco*[~~late~~+ *pane*]*tone* situa-se na esfera do ‘blending’, atestando uma vez mais a permeabilidade de fronteiras entre processos.

Não é possível prever o destino de alguns ‘splinters’. Quando não ganham uso por parte dos falantes, acabam certamente por fenecer. Terá sido o caso de *-teria* (a partir de *cafeteria*, e presente em *washeteria*) ou de *-cade* (de *cavalcade*, em *motorcade*). Os que ganham elevada produtividade poderão tornar-se afixos ou formativos próximos destes. Nas palavras de Lieber (2016, 3.3. Affixation)

«The difference between a splinter and a true suffix is that speakers understand splinters in relation to the original word from which the ending splits off. If these bits survive and continue to give rise to new forms, though, they might someday be real suffixes».

Veremos se *infodemia* (‘Excesso de informação sobre determinado tema, por vezes incorreta e produzida por fontes não verificadas ou pouco fiáveis, que se propaga velozmente (ex.: *infodemia de notícias falsas nas redes sociais*). “infodemia”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/infodemia> [consultado em 23-03-2021], por influência do inglês *infodemy*, de *info*[~~r~~mat~~i~~o] ‘informação’ + [*epi*]*demy* ‘epidemia’), apesar do uso ampliado na época em que a pandemia por covid-19 se abateu sobre o planeta, será preservada ou não. Dada a transparência de *-demia* ‘pandemia’, nada obsta a que outras novas palavras venham a surgir com este formativo. Já *multiverso*, por analogia com *universo*, pode ter um destino igual ou diferente, consoante as necessidades denominativas dos falantes. Tenha-se em conta que o formativo *-verso* colide com o nome *verso* (parte de poema), há muito implantado, o qual pode ter um papel bloqueador da expansão do ‘splinter’ *-verso*.

Os ‘splinters’ como *caipi-*, *-drasta*, *-lé*, ganham gramaticalidade acrescida, como é natural em face do processo de gramaticalização que sofreram. Além da compressão que faz habitualmente parte da sua génese e da fixidez na sua posição relativa, ganham paradigmaticidade, integrando padrões já estabelecidos, e tornam-se indispensáveis como formativos para a expressão de determinado semantismo: *caipi-* ‘caipirinha’, *-drasta* ‘parente por empréstimo’ e *lé-* ‘picolé de’. Ou seja, apresentam quatro dos cinco grandes princípios que regem, segundo Lehmann (2015), os processos de gramaticalização. O que parece é que tais ‘splinters’ não têm ainda um grau de produtividade tão acentuada quanto os afixos, e um grau de aceitação e de reconhecimento generalizados, até mesmo quando comparados com o que Gonçalves denomina de afixóides como *aero-* ‘avião’, *bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’, *petro-* ‘petróleo’, *tecno-* ‘digital’, *teca-* ‘lugar onde se reúnem’. O facto de estas formas estarem há muito inscritas na língua como formativos presos muito recorrentes e abundantemente usados, faz deles formativos de reconhecimento e utilização lineares. Já *-drasta*, presente apenas em *madrasta* e em *padrasto*, tem um potencial de crescimento menor que os anteriores formativos, ainda mais com o valor de ‘parente por empréstimo’. Ademais, há fortes restrições combinatórias ao seu uso, pois X-, em *Xdrasta* deve denominar uma entidade que possa denotar grau de parentesco. O valor e/ou o uso expressivo e lúdico deste formativos (*-lé*, *caipi-*, *-drasta*) torna-os menos versáteis (até porque não se combinam entre si) do que os radicais do tipo de

aero- ‘avião’, *bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’, *petro-* ‘petróleo’, *tecno-* ‘digital’, *teca-* ‘lugar onde se reúnem’, mesmo com estes novos valores semânticos que entretanto foram adquirindo.

7. Considerações finais

O universo dos formativos e de processos de construção de unidades lexicais incorpora um vasto conjunto de recursos e de mecanismos.

No âmbito dos recursos formativos, destacam-se palavras (*meia-lua*), radicais (*mecan-*, em *mecânico*), temas (*rua*, em *ruazinha*, *-teca*, em *biblioteca*), afixos (*-ic-*, em *mecânico*) e ‘splinters’ (*caipi-*, *-drasta*, *-guete*, *piri-*). A estes acrescem, para alguns, os afixoides (*bio-* ‘biologia, biológico’, *eco-* ‘ecológico’). Os ‘splinters’ são porções originalmente não morfêmicas de uma palavra-fonte que se combinam com outros formativos para formar uma nova palavra, e não operam no processo de ‘blending’, que está na origem de *aborrescente* < *aborrecer* + *adolescente*. As unidades lexicais de que os ‘splinters’ fazem parte não são encaradas como resultado de fusão ou de cruzamento (cf. *nim* < *não* + *sim*), mas de adição de uma porção/de um ‘splinter’ de uma palavra-fonte (*-lé*, *trocínio*) a um tema ou a uma palavra (*sucolé*; *tiotrocínio*). A esse processo damos o nome de fractocomposição, diferenciando-a da composição neoclássica pelo facto de esta envolver dois arqueoconstituintes presos (*biologia*, *bioma*, *fotoscópio*, *fotófobo*, *fotógeno*, *fototaxia*) e da composição híbrida pelo facto de esta implicar um radical preso e uma palavra autónoma (*fotodepilação* < *foto* ‘luz’ + N).

As fronteiras entre as diferentes classes de processos e as diferentes classes de formativos revelam-se porosas, havendo frequentes exemplos de recategorização de formativos, no sentido de mais lexicalidade (a *eco* ‘ecografia’, o/a *ex-* de ‘o/a antigo/a X [companheiro/a] de alguém’, *um extra* ‘algo de supletivo em relação a’, o *euro* ‘moeda europeia’, a *foto* ‘fotografia’, a *micro* ‘microrradiografia’), no sentido de mais gramaticalidade (cf. *-ólatra*, *-ólogo*, *-ódromo*, *-ómetro*, no Brasil) ou num viés semântico de expansão, especialização, figuralidade (cf. *afro* ‘africano, relativo a África’ (*design muito afro*), *bio* ‘biológico’ (*produção totalmente bio*)).

No que diz respeito aos processos genolexicais, e tomando como parâmetro o carácter preso ou livre e a natureza ±truncada ou ±fragmentada dos formativos em jogo, distinguem-se várias classes, caracterizadas com as seguintes propriedades:

- Apenas a composição patrimonial opera com dois constituintes livres: *abre-latas*
- A composição neoclássica (*biologia*, *bioma*, *fotófobo*, *fotógeno*, *fototaxia*) e a sufixação (*voluntarismo*) recorrem a dois itens presos (radical não autónomo e sufixo); em casos mais periféricos, a sufixação usa um item preso e um radical autónomo (*covidário*, *raizame*)
- A prefixação (*desinfectar*, *autorretrato* (*auto-*, do gr. *autós* ‘o próprio’) e a composição híbrida (*fotodepilação* < *foto* ‘luz’ + N) operam com uma palavra e um item preso
- Nos demais casos, estão envolvidos itens que resultam de fragmentação,
 - seja no *blending* (*aborrescente* < *aborr* [e~~ee~~+~~at~~] *escente*, *lixeratura* < *lix*[~~o~~+~~lit~~] *eratura*),
 - seja no *splintering* (*tiotrocínio* < *tio*[~~pa~~] *trocínio*),
 - seja na fractocomposição em que apenas um formativo é autónomo (*autoestrada* < *auto*[~~móvel~~] ‘veículo motorizado’) ou em que ambos os formativos já se comportam como autónomos (*bio*, em *bioperigo*, *biorresíduos* < *bio*[~~lógico~~], *foto*, em *fotomontagem* < *foto*[~~grafia~~] + N).

A ‘endogamia’ morfológica é possível com radicais e temas neoclássicos, que se podem combinar entre si, mas não com fractoconstituintes ou com segmentos não morfológicos de blends.

A proliferação de *splinters* na formação de novas palavras e o facto de a sua natureza ser diversa da dos demais formativos — trata-se de porções não morfêmicas de uma palavra-fonte que se tornam formativos morfolexicais e se combinam com outros formativos para formar uma nova palavra — implica necessariamente a revisão do quadro de processos genolexicais até então traçado. A introdução da classe de fractocomposição (uma vez que se trata de formativos que nascem de um processo de fragmentação) ou de *splintering* pretende dar resposta a essa necessidade.

- Alves, R. S.; C. A. V. Gonçalves 2014. O processo de formação de palavras com os splinters -nese, -nejo e -tone. *Entretextos* (UEL) v. 14. 27-42.
- Andrade, K.; Rondini, R. 2016. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição?. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 32. 861-887.
- Barrena Jurado, A. 2019. A study on the ‘wordgasm’: the nature of blends’ splinters. *Lexis* v. 14. 1-49.
- Basílio, M. 2013. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Bauer, L. 2004. *A Glossary of Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bauer, L. 2005. The Borderline Between Derivation and Compounding. In W. U. Dressler (ed.) *Morphology and Its Demarcations*. John Benjamins. 97-108.
- Bauer, L.; R. Lieber; I. Plag 2013. *The Oxford Reference Guide to English Morphology*, Oxford: Oxford University Press.
- Berman J. M., 1961. Contribution on Blending. In *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik* 9, Walter De Gruyter. 278-281.
- Booij, G., C. Lehmann; J. Mugdan (eds.) 2000. *Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Cannon, G. 2000. Blending. In G. Booij, C. Lehmann, J. Mugdan (Eds.), *Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter. 952-956.
- Carvalho, W. B.; C. A. V. Gonçalves. 2015. Sobre piris e guetes: análise morfológica das construções cunhadas a partir de ‘splinters’ de “PERIGUETE”. *Fórum Linguístico* (Florianópolis) v. 12 n. 4. 930-944.
- Corbin, D. 2001. “Préfixes et suffixes : du sens aux catégories.” *Journal of French Language Studies* v. 11 n. 1. 41-69.
- Corbin, D. 2004. French (Indo-european: Romance). In G. Booij et al. (eds), *Morphologie / Morphology. Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung / An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. vol. 2, Berlin / New York: Walter de Gruyter, [Article 121], 1285-1299.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/periguete> [consultado em 01-02-2021].
- Fandrych, I. 2008. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings. *Lexis* 2. 103-121.
- Gonçalves, C. A. V. 2011. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno Estudo de Casos. *Domínios de Linguagem*. v. 5, n. 2.62-89.
- Gonçalves, C. A. V. 2013. Na sextaneja com a caipifruta da mãe drasta: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. esp., n. 13. 139-158.
- Gonçalves, C. A. V. 2016a. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto.
- Gonçalves, C. A. V. 2016b. *Processos 'Marginais' de formação de palavras*. Campinas: Pontes.
- Gonçalves, C. A. V., W. B. Carvalho, K. E. Andrade 2016. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, v. 13, n. 1. 132-156.
- Gonçalves, C. A. V., K. E. Andrade 2016. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n 2. 261-294.
- Haspelmath, M. 2002. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press, Arnold Publications.
- Heine, B, Claudi, U., F. Hünemeyer 1991. *Grammaticalization*. Chicago: Chicago University Press.
- Herculano de Carvalho, J. G. 1974. *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. 2 vols.. Coimbra: Coimbra Editora.
- Hopper, P., E. Traugott 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Iacobini, C. 2004. Composizione con elementi neoclassici. In M. Grossmann, F. Rainer (eds), *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 69-95.
- Lehmann, C. 2015. *Thoughts on grammaticalization*. 3rd edition. Berlin: Language Science Press.
- Lieber, R. 2016. *Introducing Morphology*, 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lieber, R.; P. Štekauer eds. 2011. *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press.
- Linguatca.pt <https://www.linguatca.pt/CETEMPublico/>
- Mota, M. A. 2020. Processos de formação de palavras. In E. Paiva Raposo et al., *Gramática do Português*. Vol. III. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 2820-2825.

- Müller, Peter O. et al. (eds) 2015. *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*, Berlin/New York: De Gruyter Mouton.
- Rio-Torto, G. (coord) et al. 2016, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rio-Torto, G.; S. Ribeiro 2012. Portuguese Compounds. *Probus* 24, 119-145.
- Rio-Torto, G.; S. Ribeiro 2016. Composição. In G. Rio-Torto (ed.), *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 461-520.
- Rodrigues, A. S. 2001. *A construção de postverbais em português*. Porto: Granito Editores.
- Rodrigues, A. S. Processos de Formação. In G. Rio-Torto et al. 2016, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 102-126.
- Spencer, A.; A. M. Zwicky (eds.) 2017. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Štekauer, P. 2000. *English Word-Formation: A History of Research, 1960-1995*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.